

ABANDONO AFETIVO PARENTAL NA INFÂNCIA E OS EFEITOS COMPORTAMENTAIS NA VIDA ADULTA

Ester Ribeiro da Costa¹, Raquel Rios Prates¹, Wivian Silva Santos de Oliveira¹, Gustavo Tassis Baptista², Cintia Barreto Ferreira Andrade³, Yara Zucchetto Nippes³, Joyce Karolina Ribeiro Baiense³, Gabriela Vieira de Abreu³, Ronaldo Garcia Rondina³

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

O presente estudo busca contribuir para a compreensão dos impactos do abandono afetivo no desenvolvimento emocional, comportamental e na formação de valores e autoimagem, principalmente no indivíduo adulto, gerados a partir de estilos específicos de parentalidade, através de sintetização de trabalhos recentes e pesquisa de campo do tipo qualitativo contendo 14 participantes com idades entre 20 e 40 anos. O estudo evidenciou que o fato de ser abandonado afetivamente causa impactos consideráveis na formação de identidade do indivíduo abandonado, influencia as ações na vida adulta, as tomadas de julgamento e colabora com tomadas de decisão para comportamentos de risco como sendo válvulas de escape e dificultando o estabelecimento de laços.

Palavra-Chave: Abandono afetivo, Desenvolvimento emocional, Desenvolvimento comportamental

INTRODUÇÃO

Percebe-se dentro da literatura que existe o tema do desenvolvimento afetivo com foco na primeira e segunda infância, mas há uma enorme escassez sobre a mesma temática levada às outras fases que também compõem o ciclo do amadurecimento humano, como a fase da adultícia emergente, termo utilizado por Papalia (2022) em sua última edição do livro de desenvolvimento humano. Esta fase possui vários fatores novos, geradores de estresse, o que irá impor a necessidade de trabalhar com novas ferramentas de enfrentamento emocional e comportamental, ferramentas essas que as acompanharão por um importante tempo da vida.

Levando em consideração a relevância do afeto e como este é apresentado ainda nos primeiros anos pelo primeiro contato social que é a família, a ausência desse mecanismo formador de laços, identidade e confiança pode ser imensurável e causar danos graves a nível emocional e comportamental (Gonçalves, 2021). Este estudo busca então compreender o que a ausência do afeto dentro do seio familiar pode gerar na formação do sujeito e como se apresenta em especial na fase adulta. Portanto foi proposta uma pesquisa exploratória e descritiva para verificar quais são os efeitos do abandono afetivo parental na fase infantil que acompanha o indivíduo na vida adulta. A partir da observação do problema proposto e de revisão bibliográfica, supõe-se que será possível verificar que o afeto parental é um elemento muito importante para a formação sócio psicoemocional do indivíduo, de modo que se torna a forma que ele leva de referência para o desenvolvimento da parte emocional e posteriormente pode vir a ser a forma como reproduz esse repertório emocional que embasam suas

tomadas de atitudes e decisões durante sua vida adulta. A ausência dessa referência pode ser originária de interferências na qualidade de vida. Como é para uma pessoa a ausência do afeto na formação da identidade e como pode ser originador de comportamentos de risco.

Afeto no Desenvolvimento Humano

Grandes nomes da área de desenvolvimento humano e de estudo sobre as formas de aprendizagem como Jean Piaget, Lev S. Vigotski e Henri Wallon apesar de possuírem visões diferentes acerca da forma como o aprendizado acontece, todos eles possuem em comum o ponto de que se trata de processos graduais e somatórios, o que implica dizer que independente do que se está aprendendo há uma diferença simbólica de significado quando acontece o primeiro contato, como a visão acerca do objeto aprendido será armazenado no cérebro e como esses significados podem mudar conforme esse indivíduo avança nas suas fases de desenvolvimento (Souza, 2011). Assim esses autores também trazem que a afetividade tem papel de grande importância nos processos de aprendizagem do indivíduo, é através da experimentação que as informações são armazenadas e a forma como são experienciadas geram respostas emocionais, sejam elas respostas positivas sejam negativas.

As emoções são reações subjetivas a experiências que estão associadas a mudanças fisiológicas e comportamentais frente a situações que afetam o sistema nervoso. Para Mesquita, Batista e Silvia (2019), biologicamente as emoções são processos resultantes da avaliação realizada pelo sujeito, tendo como balança a interdependência imediata com o meio que sinaliza situações favoráveis ou desfavoráveis à sobrevivência e evolução da espécie humana.

Os primeiros sinais ou indícios de sentimentos nos bebês são importantes indicativos de desenvolvimento, sendo que nos primeiros anos as emoções expressas por meio de comportamentos têm a finalidade de suprir as necessidades de sobrevivência, satisfação ou insatisfação na qual ainda é difícil verbalizar por falta de repertório, incluindo o sorriso, o choro, e até a raiva vista em comportamento agressivo ou semblante fechado (Papalia, 2022). O afeto presente nas primeiras fases de evolução tem sua principal função de suprir a segurança física servindo como bússola para o bebê formar os laços que lhe indicarão em quem deve ou não confiar por meio das respostas que recebeu desses em atender ou não as suas necessidades (Mesquita, Batista e Silvia, 2019). A forma como muitas coisas são apresentadas ao recém-nascido e nos meses que se seguem ao seu crescimento podem ter influência direta nas respostas emocionais e comportamentais de enfrentamento a essas novidades. Por volta dos 2 a 3 anos as crianças já conseguem distinguir de forma clara aqueles que estão a sua volta assim como identificar suas próprias emoções autoconscientes o que simboliza que são capazes de se autoavaliar de forma crítica e sentir emoções mais complexas, apesar de, talvez, ainda não conseguirem dar nome para cada uma dessas. Nas fases seguintes como adolescência, adultice e velhice os afetos já estão maduros e modificados em respostas que supram a demanda do momento em que

este está sendo aplicada de forma mais objetiva, consciente e assertiva, todavia, quando esse indivíduo não possuiu uma base segura de afeto e de construção emocional, mesmo nas outras fases de seu desenvolvimento esse indivíduo poderá ter dificuldades na compreensão e emissão de respostas diante de algumas emoções (Papalia, 2022).

J. Bowlby (1989) propôs que o apego é um mecanismo fundamental nos seres humanos, onde a relação entre a criança e os pais é iniciada por sinais inatos do bebê, reforçando a necessidade de proximidade. Ao longo do tempo, esse processo conduz ao desenvolvimento de um vínculo afetivo genuíno, influenciado pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos cuidados, sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Portanto, um dos princípios fundamentais do apego, segundo o autor, é que as primeiras relações de afeto previstas na infância têm impacto no estilo de vínculo que o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida.

As experiências sociais são os principais lapidadores do desenvolvimento humano, assim como para o desenvolvimento emocional, não só na primeira infância, mas em todo o ciclo da vida. Considerando que o primeiro contato com o mundo social é por meio da família, é impossível desconsiderar como a forma em que o afeto está presente nesse sistema norteará as respostas emocionais e também comportamentais que essa criança terá (Bronfenbrenner, 1994). Outro fator também relevante é a cultura em que estas famílias estão inseridas e como esse meio implicará na apresentação deste mundo para a criança e, por consequência, impactará na sua forma de ver e experienciar as situações para além do círculo familiar (Bronfenbrenner, 1994). Em um modelo ideal de parentalidade, a formação deverá ser voltada para a autonomia do indivíduo por meio da supressão das necessidades consideradas básicas, no qual também estão inclusas as questões de base afetiva.

Para muitos jovens os primeiros passos para a vida adulta requerem tempo de experimentação antes de assumir papéis e responsabilidades que competem a vida adulta e isso inclui também o emocional, com a transição da fase da adolescência para a adultice um sistema emocional adaptado será demandado e toda base que esse adulto tiver adquirido lhe servirá para formar novos padrões de resposta principalmente após a exposição aos estímulos que competem a essa fase, são modificações feitas para adequação ao ambiente que está e as pessoas no qual estarão em contato como forma de se fazer ser aceito e validado por estes na busca se fazer pertencente a um lugar ou grupo no qual se identifica (Mello & Mota, 2013).

Estilos Parentais

Entende-se por família o grupo de pessoas que possuem grau de parentesco ou laços afetivos e vivem na mesma casa formando um lar. A família possui também o papel de socialização, nesse processo são transmitidos os valores morais e sociais, bem como as tradições, os costumes e os conhecimentos passados através de gerações. Sendo essa rede o primeiro ambiente de referência para os indivíduos, de forma que

a estrutura mental quanto à percepção da realidade e demonstração das emoções, se formam a partir da interação entre as figuras que compõem o grupo familiar. Constitui um lugar para a aquisição de dimensões internas e para a vivência de relações afetivas profundas de forma que essa vivência fundamenta a forma com a qual se relacionam socialmente e consigo mesmo ao longo da vida (Alarcão, 2000).

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo, assim como na busca de desenvolver estratégias assertivas para construção dessas relações (Minuchin, 1985). Assim como discutido por Bronfenbrenner (1994) a compreensão que a família de origem desempenha um papel relevante no desenvolvimento, tratando-se do principal agente de conexão entre o indivíduo e a sociedade. Sendo assim, compreendendo a influência dessa referência para o indivíduo, é necessário entender como funciona essa estrutura criada pelas figuras parentais e suas características. O estudo dos estilos parentais trata da educação de filhos de uma forma objetiva, investigando o conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais-filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos (Weber et al. 2004).

Kagan em 1956 entrevistando crianças investigou a percepção das mesmas com relação aos pais (se eles são amigáveis, punitivos, dominantes e mesmo ameaçadores). Uma década depois surgem os primeiros trabalhos da Baumrind em 1966 seguidos pela proposta de um modelo teórico com duas dimensões fundamentais (exigência e responsividade) de Maccoby e Martin em 1983. Foi o trabalho de Baumrind (1966) que impulsionou o estudo dos estilos parentais, ao integrar tanto os aspectos comportamentais quanto os afetivos envolvidos na criação dos filhos. Baumrind em 1966 enfatizou a autoridade que os pais exercem sobre os filhos, vendo neste controle a expressão de crenças e valores. Suas pesquisas focalizaram a influência da variação normal da autoridade parental sobre o desenvolvimento infantil. O controle, comunicação e afeto com distintas variações, produzem três diferentes estilos parentais: o autoritativo, o autoritário e o permissivo (Cassoni, 2013).

Nos anos 80 Maccoby e Martin propuseram um modelo teórico de estilos parentais que trouxe novamente à tona a ideia de duas dimensões fundamentais nas práticas educativas dos pais, denominadas; exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*). A responsividade parental está relacionada ao apoio, afeto, diálogo e a dimensão da exigência parental está associada ao controle, supervisão, autoridade e normas de comportamento (Nguyen et al, 2020). Portanto, considerando as práticas parentais de uso dessas duas dimensões, quatro estilos parentais são descritos: autoritativo, autoritário, indulgente e negligente (Martinez et al., 2020).

Pais autoritativos tentam direcionar as atividades de suas crianças de maneira racional e orientada, incentivam o diálogo e exercem firme controle nos pontos de divergência, além disso, são afetuosos na interação, responsivos às necessidades e frequentemente solicitam a opinião quando conveniente, encorajando a tomada de

decisões e proporcionando oportunidades para o desenvolvimento das habilidades. Incentivam o senso de responsabilidade, a autonomia e a compreensão dos motivos de se usar regras, produzem um ambiente familiar com poucas tensões, também tendem a ser mais tolerantes, recíprocos, abertos a ouvir a opinião e questionamentos dos filhos, definem em conjunto as regras, e prezam pelo cumprimento destas. (Baumrind, 1966; Maccoby; Martin, 1983; Maccoby, 1992).

O estilo autoritário resulta da combinação entre altos níveis de controle e baixa responsividade. Pais autoritários são rígidos e autocráticos, impõem altos níveis de exigência estabelecendo regras restritas independentemente de qualquer participação da criança. Tendem a enfatizar a obediência através do respeito à autoridade e à ordem. Frequentemente utilizam a punição como forma de controle do comportamento. Não valorizam o diálogo e a autonomia, reagindo com rejeição e baixa responsividade aos questionamentos e opiniões da criança (Baumrind, 1966).

O estilo indulgente resulta da combinação entre baixo controle e alta responsividade. Pais indulgentes ou permissivos, não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. Comportam-se de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança; apresentam-se para seus filhos como um recurso para realização de seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por moldar ou direcionar seu comportamento. São excessivamente tolerantes, permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. São afetivos, comunicativos e receptivos, tendendo a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente (Baumrind, 1966).

O estilo negligente resulta da combinação entre controle e responsividade em baixos níveis. Pais negligentes não são nem afetivos nem exigentes, não se envolvem com seus papéis de pais e, a longo prazo, os componentes do papel parental tendem a diminuir cada vez mais, às vezes a desaparecer, até restar uma mínima relação funcional entre pais e filhos. Demonstrem pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorando seu comportamento, mantém seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas, estão frequentemente centrados em seus próprios interesses. (Maccoby & Martin, 1983).

Abandono Afetivo Parental

O artigo 22 da Constituição da República Federativa do Brasil aponta que a família tem a função de amparar, garantir e defender os direitos das crianças e adolescentes (BRASIL, 1988). No ordenamento jurídico brasileiro, a família é considerada o ambiente central para a promoção da socialização e desenvolvimento dos indivíduos, com os pais desempenhando o papel de responsáveis pela promoção das virtudes e pelo pleno desenvolvimento das capacidades e desejos de seus filhos. Sob essa perspectiva, tanto a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069/1990) estabelecem o dever dos pais de cuidar de seus filhos, garantindo seus direitos à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e

comunitária. Além disso, os pais têm a responsabilidade de proteger seus filhos contra negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O abandono afetivo ocorre quando os pais não desempenham seu papel no desenvolvimento emocional dos filhos, deixando de fornecer apoio emocional e proteção, caracterizando-se como comportamentos omissos e ausentes por parte daqueles que deveriam desempenhar um papel afetivo na vida da criança ou adolescente. Para que se configure abandono, é estabelecido uma conexão entre o dano psicológico e o comportamento de negligência do genitor (CANTALICE, 2022). Pires e Miyazaki (2005, p.44) definem a negligência e abandono como causante de traumas:

Envolve a omissão de cuidados básicos e de proteção à criança frente a agravos evitáveis e tem como consequência, portanto, o não atendimento de necessidades físicas e emocionais prioritárias [...]. O abandono pode ser definido como uma forma grave de negligência, que por sua vez evidencia a ausência de um vínculo adequado dos responsáveis com seu filho. Famílias negligentes geralmente apresentam consumo elevado de álcool e drogas, grande número de filhos, psicopatia e desestruturação familiar.

Os autores destacam que a negligência e o abandono como causas potenciais de traumas na infância. Eles destacam que o abandono, conforme definido, é uma forma mais grave de negligência. Ele reflete não apenas a falta de cuidados práticos, mas também a ausência de um vínculo emocional e afetivo adequado entre os responsáveis e a criança, ocasionando prejuízos emocionais e comportamentais na vida adulta, como diz Araújo e Moucherek (2022, p.02)

A ausência de cooperação parental após a ruptura do vínculo de apego pode ter sérias repercussões psicológicas e afetar o desenvolvimento saudável da criança. [...] tendo em vista que comportamentos disfuncionais de apego e dependência podem ser um grande fator prejudicial na vida adulta destes indivíduos.

Com isso, os conflitos parentais são um fator contribuinte para o surgimento de problemas na infância e adolescência, que marcam uma criação com falta de apoio mútuo e privação de expressão de afetividade entre os pais. Essa conduta familiar se correlaciona com sintomas de ansiedade e depressão nas crianças, além de autoestima reduzida e dificuldades em relacionamentos íntimos quando entram na fase adulta (Vieira, 2020). O abandono parental negligente ou a sua ausência pode resultar em uma pluralidade de impactos, englobando dimensões psicológicas, comportamentais, de personalidade e de aprendizagem. Esses impactos se manifestam em diferentes fases da vida, ocasionando, principalmente, repercussões na vida adulta. Algumas pesquisas apontam que a negligência afeta a linguagem, cognição e a capacidade social e emocional das crianças, propiciando o desencadeamento de dificuldades afetivas, acadêmicas, de socialização, bem como distúrbios comportamentais e de personalidade (MAIA; WILLIANS, 2005).

Se tratando das consequências comportamentais na vida adulta, Vieira (2020) afirma que ao longo do crescimento do indivíduo, diversos fatores podem acarretar danos ao seu desenvolvimento e a sua existência, mas no âmbito familiar têm-se destacado a influência da ausência de cuidado parental ou uma prestação deficiente dele como variáveis que influenciam comportamentos disfuncionais na vida adulta.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com os estilos propostos por Maccoby e Martin (1983), os estilos parentais mais presentes observados na amostra foram autoritários e negligentes sendo, segundo os resultados, 64,3% e 28,6% consecutivamente, seguindo o estilo permissivo que se fez presente em apenas 7,1% das respostas. A presença de conflitos entre os pais, a falta de apoio recíproco e baixa afetividade entre si surge como um fator identificado como capaz de desencadear problemas na infância e adolescência. Tais comportamentos estão correlacionados com a manifestação de sintomas de ansiedade e depressão nos filhos assim como sentimentos de incapacidade e possivelmente de culpa ao não conseguirem perceber que os conflitos entre os pais não são gerados por causa deles, além de resultar em níveis mais baixos de autoestima e dificuldades em estabelecer relações íntimas na fase adulta (Vieira, 2020). Quando questionado aos entrevistados sobre como era a sua visão de si mesmo na sua infância, foram obtidas as seguintes respostas que reforçam a ideia de Vieira (2020) citada acima:

Eu era uma criança extrovertida e divertida, porém com a autoestima baixa (participante 1)

Muito triste e sozinha, não tinha amigos e não podia ir em festas (participante 6)

Eu me via alguém pequena não de tamanho, me sentia inútil (participante 12)

Na maioria das vezes me sentia triste, não tinha liberdade de falar ou questionar nada (participante 14)

As emoções e os sentimentos têm função decisiva no processo de atribuir significado aos objetos, situações experienciadas e até mesmo a pessoas, isto é, a forma como interpreta o que vive interfere diretamente em sua relação com ambiente interno e externo (Mesquita, Batista e Silvia, 2019). Ao não se ter espaço dentro da rede de cuidado para diálogo, não se sentir pertencente ao espaço em que está inserido, principalmente nos primeiros anos de desenvolvimento, gera prejuízos na formação de identidade, não se tem voz, portanto a autopercepção, como dito pelos participantes, é de inutilidade, o senso de valor também é prejudicado ao considerar que dificilmente, apesar dos esforços, conseguirá ser reconhecido pelas ações. Do contrário, os que são inseridos crescem com a autopercepção de ser importante naquele espaço, de ser pertencente e podem ter confiança naqueles que compõem sua rede, quando questionados sobre a percepção da participação dentro família durante o crescimento foram relatadas as seguintes falas:

Sempre percebi que não tinha participação na família (participante 2)
Nenhuma, o que me passam é que não acrescento muita coisa (participante 4)
Eu achava que incomodava a todos, achava que ninguém gostava de mim (participante 13)
Inclusão! Sempre fui incluída, talvez porque sou a filha mais nova (participante 8)

Os participantes citaram também o engajamento em comportamentos de risco, comprovando o que Trapp e Andrade (2017) falam acerca do assunto, de que a ausência tem o potencial de afetar negativamente a formação da personalidade, causar desequilíbrio emocional, dificuldade em obedecer às leis, desrespeito às autoridades, desenvolvimento de sentimentos de inferioridade e até contribuir para a dependência emocional em relacionamentos. Como destacado pela Associação Americana de Psicologia (2000) as relações na primeira infância também se correlacionam com comportamentos de riscos, incluindo tabagismo, abuso de álcool e/ou drogas, doenças sexualmente transmissíveis, evasão escolar, posse de armas, violência sexual, conflitos e etc. O comportamento de risco trata-se de uma válvula de escape emocional, muitas vezes na tentativa de comunicar através de comportamentos auto lesivos aquilo que não conseguiram falar ou mesmo conseguindo não obtiveram espaço de escuta, reconhecimento de seu sofrimento e validação de suas angústias.

Tive depressão, me cortava e não chorava, não tinha energia pra chorar. Sou muito dependente emocionalmente de outras pessoas, principalmente da minha própria família (participante 3).
Sim, bebida, múltiplos parceiros, autoagressão, dependência emocional (participante 4).
Luto constantemente contra a dependência emocional (participante 6).
Múltiplos parceiros e bebidas alcoólicas. (participante 14).

Braga e Fucks (2013) abordam que o abandono afetivo pode gerar na criança sentimento de impotência, de perda e a sensação de traição, isso ocorre porque um indivíduo depende emocionalmente dos pais ou cuidadores para o desenvolvimento de sua autoestima e segurança emocional, principalmente ao considerar que as figuras parentais possuem o dever de cuidar e suprir as necessidades independente da esfera. Quando o provimento é prejudicado, a criança pode se sentir incapaz de satisfazer suas necessidades emocionais e criar um senso de inadequação, provocando um sentimento de perda, uma vez que o indivíduo pode perceber que a ligação emocional com seus pais ou cuidadores se rompeu. Essa perda sendo de natureza emocional e psicológica, resulta em consequências disfuncionais no comportamento, que podem durar ao longo de toda a vida. Os participantes relatam tais sentimentos, dizendo:

Eu me tornei uma pessoa com dificuldades de confiança e apego a terceiros (participante 2).

Sou muito insegura para tudo, me sinto insuficiente (participante 3).

Não acredito em mim, não consigo me ver em um futuro bom (participante 4).

Hoje eu sou uma adulta desconfiada das pessoas sempre esperando o pior (participante 9).

Ainda influencia muito em questões de confiança com outras pessoas (participante 10).

Durante a análise dos registros realizados com os participantes, foi possível perceber que a ausência da afetividade na infância e no período de desenvolvimento por parte de algum dos responsáveis, foram apresentadas com expressões de tristeza, mágoa ou evitação. Por meio de frases foram descritas representações claras do abandono afetivo, como também outras sinalizações ao serem questionados sobre o genitor ausente

Uma pessoa solitária e sem muitos vínculos (participante 2)

Já tentei suicídio pra tentar fugir das dores emocionais, dores na alma (participante 9).

Eu me sinto perdida, uma adulta perdida. A sensação de estar sozinha no mundo nunca me deixou (participante 10).

Crianças que sofrem negligência apresentam déficit em suas habilidades reguladoras de afeto e no comportamento geral, ocasionando adultos que enfrentam desafios na compreensão e expressão de suas próprias emoções, bem como na capacidade de lidar com as emoções de outras pessoas (Maia e Williams, 2005). Isso pode ser observado nos relatos descritos pelos entrevistados:

Sempre fui muito obediente, porque se não apanhava. Sempre quis evitar conflitos ou deixar meus familiares tristes (participante 3).

Sempre vivendo com medo por conta das punições da mãe, tia e avó. Tudo era motivo de agressividade (participante 9).

Eu não tinha participação porque sempre que eu tentava eu era interrompida como se estivesse fazendo algo muito grave. Então comecei a ficar quieta, me isolar e odiar aquilo tudo (participante 12).

Eu achava que incomodava a todos, achava que ninguém gostava de mim (participante 13).

Por fim, Brazão (2015) de acordo com a abordagem desenvolvimentista, indica que a importância do afeto não se limita apenas à socialização individual. Ele desempenha um papel significativo tanto na formação do indivíduo, sendo um elemento intrínseco ao processo de desenvolvimento, quanto à sua integração na sociedade. Isso sugere que deficiências na habilidade de estabelecer conexões afetivas podem prejudicar o desenvolvimento otimizado dos sentimentos primários, resultando em sérias dificuldades na interação social e no subsequente desenvolvimento dos sentidos posteriores. Isso, por sua vez, inibe a capacidade de adquirir competências que

possibilitam experiências como a partilha de estados subjetivos, afetivos e mentais mais complexos.

CONCLUSÃO

A partir da observação do problema proposto e de revisão bibliográficas, foi possível verificar que o afeto parental se faz um elemento muito importante para a formação sócio psicoemocional do indivíduo, tornando, assim, a forma que ele leva de referência para o seu desenvolvimento emocional e vindo a ter reproduções comportamentais desse repertório durante sua vida adulta. A ausência dessa referência é originária de interferências na qualidade de vida, para uma pessoa a ausência do afeto na formação da identidade gera desequilíbrio no desenvolvimento da percepção de si mesmo e geralmente contribui para o desenvolvimento de comportamentos de risco.

As questões que foram discutidas demonstram que os impactos do abandono afetivo surgem em diferentes estágios da vida e o grau de sofrimento se dará pelo nível de consciência dos danos causados pelo abandono e o quanto essa questão ainda afeta no cotidiano desses indivíduos, porém, exercem influência em toda a trajetória da mesma. Desse modo, a família pode ser compreendida como um elemento de risco ou de proteção, dependendo do estilo parental presente em cada seio familiar (Reppold et al., 2002). Assim como molda traços de personalidade, comportamento e autoimagem que, mesmo gerando respostas desconfortáveis para os sujeitos em formação, o número de traumas no âmbito emocional e de comportamentos de risco se sobressaem ao daqueles que disseram estar resolvidos com a questão. O estudo que visou a compreensão das consequências decorrentes do abandono afetivo, tendo como perspectiva as extensões deles na vida dos filhos, envolveu a compreensão do contexto familiar em que estes estão inseridos e demais ambientes nos quais eles se relacionam, uma vez que as lesões e seus efeitos são influenciados pelas relações estabelecidas nesses meios.

Nos casos em que ocorre o abandono afetivo, a psicologia é vista como um aliado de cuidado terapêutico tanto para os originadores de danos que podem também ser resultados dos estilos parentais no qual fizeram parte, quanto para os que sofreram abandono. Trata-se do caminho de reformulação tanto para as figuras de cuidado quanto para de quem se cuida. Nos primeiros, pode ocorrer em primeiro momento uma mudança de percepção, reconfigurando sentimentos e rotas na direção de um olhar atitudinal e comportamental de afeto para com os abandonados, e que passam a ser vistos com mais empatia e sensibilidade (CANTALICE, 2022). A questão dos participantes participarem ou não de acompanhamentos psicoterapêuticos não foi colocado em pauta neste estudo, contudo como supracitado, a relevância desse trabalho para a qualidade de vida desses sujeitos que passaram pela experiência do abandono é fundamental, principalmente para que estes consigam perceber os efeitos ainda presentes e possam reestruturar sua visão de mundo, e seus comportamentos que trazem algum tipo de sofrimento, assim como podem ser reproduzidos de forma automática.

Nesta função, o profissional poderá trabalhar junto do paciente seu histórico, assim como construir ferramentas que amenizem os sofrimentos e os traumas gerados, visando trabalhar a autonomia e qualidade de vida de maneira que estes elaborem novas atitudes e comportamentos no presente e futuro de forma consciente e autêntica. Assim, necessita-se de análise que considere a bidirecionalidade, interligação e logo, a compreensão das relações familiares como um sistema complexo e o papel da família para o desenvolvimento humano. Além disso, é preciso considerar a qualidade relacional dos processos estabelecidos pelos envolvidos e as próprias ações e capacidades individuais das pessoas, como cita Vasconcellos e Valsiner (1995):

As relações sociais são ininterruptamente construídas e o desenvolvimento humano é idealizado como um processo contínuo, desde o nascimento até a morte, dentro de ambientes culturalmente organizados e regulados nas interações sociais.

A partir dos estudos da revisão da literatura, aplicação de questionário e da análise das respostas do mesmo, conclui-se que o afeto parental é um elemento essencial para promover um desenvolvimento psicológico saudável na infância, para que haja um crescimento individual com uma base segura afetivamente e que auxiliará o indivíduo nas suas relações subseqüentes. Portanto, torna-se urgente apresentar mais discussões nesse contexto, considerando as transformações contínuas nos ambientes familiares e a relevância dessas mudanças para a configuração das relações humanas.

Por fim, se torna crucial que futuras pesquisas abordem os tópicos do abandono afetivo, dada a complexidade e a importância destes assuntos para a promoção de um desenvolvimento saudável na infância, corroborando para um adulto funcional.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, M. (2000). (Des) equilíbrios familiares (1ª ed.). Coimbra: Quarteto Colnago.

American Psychiatric Association (2000). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (4a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas

ARAÚJO, Raquel Figueira de Sousa; MOUCHERÉK, Michelle Correa. **Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura.** *Affective abandonment in childhood and psychological damage: An integrative literature review* Abandono afectivo en la infancia y daño psicológico: Una revisión integrativa de la literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 15, e274111536934, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36934>

BOWLBY, J. (1991) An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, vol. 46, nº 4, pp. 333-341.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966.

BRAGA, J. C. O.; FUKS, B. B. Indenização por abandono afetivo: a judicialização do afeto. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 303-321, dez. 2013.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*, 16 de junho de 1990.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. **A Implicação do Afeto na Psicologia do Desenvolvimento: uma Perspectiva Contemporânea**. *Affect in Developmental Psychology: a Contemporary Perspective*. El Relevancia del Afecto en la Psicología del Desarrollo: una Perspectiva Contemporánea. *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 2015, 35(2), 342-358.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: ARTMED, 1996.

BRONFENBRENNER, U. Ecological models of human development. In: HUSEN, T.; POSTLETHWAITE, T. N. (Orgs.). *International encyclopedia of education*. 2.ed. New York: Elsevier Science, v.3, p.37-43, 1994.

CANTALICE, Jamile Bezerra. **ABANDONO AFETIVO, PSICOLOGIA E DIREITO: compreendendo afetos e protegendo garantias**. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA; CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS – CCJ. 2022 [JBC06072022.pdf \(ufpb.br\)](#)

CASSONI, Cynthia. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura**. Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122013-105111/publico/MESTRADO_CYNTHIA_CASSONI.pdf

Gil, A. C, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Q. J. **ABANDONO AFETIVO: SUA CONSEQUÊNCIA CIVIL E PSICOLÓGICA**. Centro Universitário UNIRB – Alagoinhas, nov.2021.

MACCOBY, E.; MARTIN, J. (1983). Socialização no contexto familiar: interação pais-filhos. Em EM Hetherington & PH Mussen (Org.). *Manual de psicologia infantil. Socialização, personalidade e desenvolvimento social*. 4.ed. (vol. 4, pp. 1-101). Nova York: Wiley.

MACCOBY, E. E. The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, v. 28, n. 6, p. 1006-1017, 1992. doi: 10.1037/0012-1649.28.6.1006

MARTINEZ, I. et al. Parenting styles, internalization of values and self-esteem: A cross-cultural study in Spain, Portugal and Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 7, p. 1–18, 2020.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. S. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área**. *Temas em psicologia*, v. 13. n. 2, 2005.

MELO, O.; MOTA, C. P.. **Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares**. *Psicologia em Estudo*, v. 18, n. Psicol. Estud., 2013 18(4), p. 587–597, out. 2013. Disponível em: [SciELO - Brasil - Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares](#)

MESQUITA, A. M. de; BATISTA, J. B.; SILVA, M. M. da. O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 1-25, nov. 2019.

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development*, v. 56, p.289-302, 1985.

NEVES, C. S. L. Estilos Educativos Parentais e Desenvolvimento de Competências Sócio-Emocionais em crianças do 1o Ciclo do Ensino Básico. [s.l: s.n.].

NGUYEN, Q. A. N. et al. Perceived Parenting Styles and Emotional Intelligence Among Adolescents in Vietnam. *Family Journal*, v. 28, n. 4, p. 441–454, 2020.

FIUZA, Debora Rickli; BELIN, Fabiola Bini; LUSTOZA, Luana. **O papel do afeto parental no desenvolvimento psíquico infantil**. The role of parental affection in children’s psychic development. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-15, 2022.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

PIRES, Ana; MIYAZAKI, Maria. **Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde**. Children and adolescents maltreatment: a literature review for health professional. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). *Arq Ciênc Saúde* 2005 jan-mar;12(1):42-9.

TRAPP, Edgar Henrique Hein; ANDRADE, Railma de Souza. **AS CONSEQUÊNCIAS DA AUSÊNCIA PATERNA NA VIDA EMOCIONAL DOS FILHOS. THE CONSEQUENCES OF PATERNAUS ABSENCE IN THE EMOTIONAL LIFE OF CHILDREN**. *Revista Ciência Contemporânea* jun./dez. 2017, v.2, n.1, p. 45 - 53 http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31.

Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais**. In: São Paulo: Casa do Psicólogo (2002)

SOUZA, M. T. C. C. DE. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 2, p. 249–254, 2011.

VASCONCELLOS, V. & VALSINER, J. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação** Porto Alegre, RS: Artes Médicas. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

VIEIRA, Isadora de Oliveira Santos. **ABANDONO AFETIVO: FORMAS DE PREVENÇÃO AOS DANOS CAUSADOS AOS FILHOS PELA OMISSÃO PARENTAL**. Viçosa, MG, 2020. CDD 22. ed. 152.4

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Parenting style: perceptions of children and their parents*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; BRANDENBURG, Olivia Justen e VIEZZER, Ana Paula. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *PsicoUSF* [on-line]. 2003, vol.8, n.1, pp. ISSN 1413-8271